

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Nicolas Altstaedt



GULBENKIAN
MÚSICA

20 + 21 fev 25

20 fev 25 QUINTA 20:00

21 fev 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Nicolas Altstaedt Violoncelo

Karol Szymanowski

Abertura de Concerto em Mi maior, op. 12

c. 14 min.

Witold Lutosławski

Concerto para Violoncelo e Orquestra

c. 24 min.

1. *Introduction* –
2. *Four Episodes* –
3. *Cantilena* –
4. *Finale*

INTERVALO

Antonín Dvořák

Sinfonia n.º 9, em Mi menor, op. 95,

c. 43 min.

“Do Novo Mundo”

1. *Adagio – Allegro molto*
2. *Largo*
3. *Scherzo: Molto vivace*
4. *Allegro con fuoco*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Karol Szymanowski

(Tymoshivka, 1882 – Lausanne, 1937)

Abertura de Concerto em Mi maior, op. 12

COMPOSIÇÃO 1904-05 / rev. 1913

ESTREIA Varsóvia, 6 de fevereiro de 1906

DURAÇÃO c. 14 min.

Descendente de uma família polaca que se exilou em território do império russo, hoje pertencente à Ucrânia, o pianista e compositor Karol Szymanowski centrou no entanto, desde cedo, a sua atividade em Varsóvia, onde frequentou o Instituto Musical (precursor do futuro Conservatório) e se relacionou com diversos círculos sociais e artísticos da cidade. Com o trabalho perseverante e uma acutilante veia progressista, especialmente reconhecível nas obras da maturidade, Szymanowski veio a ser reconhecido como um dos maiores vultos da tradição musical polaca, ao lado de Fryderyk Chopin (1810-1849), Grażyna Bacewicz (1909-1969) e Witold Lutosławski (1913-1994). Embora tenha falecido com apenas cinquenta e quatro anos de idade, deixou uma produção musical extensa, a qual abarca praticamente todos os géneros basilares da música europeia, incluindo a ópera.

Numa primeira fase da sua carreira criativa, em curso até ao despontar da Primeira Grande Guerra, Szymanowski cultivou uma linguagem musical tributária dos idiomas românticos, mas com certos laivos modernistas que já começavam a assomar, por exemplo, nas propostas do pianista e compositor russo Alexander

Scriabin, cuja música Szymanowski muito apreciava. Nas diversas viagens que realizou ao longo desta primeira fase, teve oportunidade de fruir a música francesa (p. ex. Claude Debussy e Maurice Ravel) e germânica (p. ex. Richard Wagner e Richard Strauss), tendo estas influências contribuído para a consolidação do seu idioma.

A Abertura de Concerto em Mi maior, op. 12, composta entre 1904 e 1905, foi destinada ao concerto organizado pelo movimento de compositores “Jovem Polónia”, na sede da Orquestra Filarmónica de Varsóvia, o qual teve lugar a 6 de fevereiro de 1906. Incorporando várias outras obras no seu programa, o concerto despertou uma impressão muito favorável junto do público e da crítica. Aleksander Poliński, crítico do diário *Kurier Warszawski*, deixou um eco poético do evento: “Quer nas Variações [op. 10], quer no maravilhoso Estudo em Si bemol menor, quer ainda na Abertura Sinfónica [op. 12], pudemos escutar belas e originais melodias, harmonias com sonoridades deliciosas e efeitos de elaborada polifonia. Todas estas maravilhas animadas pela imaginação pueril”. Mercê deste e de outros registos coevos, a música do jovem compositor de vinte e três anos de idade teve a sua primeira e auspiciosa prova pública.

Witold Lutosławski

(Varsóvia, 1913 – Varsóvia, 1994)

Concerto para Violoncelo e Orquestra

COMPOSIÇÃO 1970

ESTREIA Londres, 14 de outubro de 1970

DURAÇÃO c. 24 min.

Tendo ingressado no Conservatório de Música de Varsóvia em 1932, Witold Lutosławski auferiu de uma formação fundada no conhecimento da tradição musical polaca, à qual se somaram outras linhas estéticas, fosse da escola francesa (Claude Debussy, Edgar Varèse), fosse da escola húngara (Béla Bartók), fosse ainda da escola russa (Igor Stravinsky). As composições do compatriota mais velho Karol Szymanowski também tiveram uma forte influência na formação do músico, havendo registo de um breve contacto entre os dois criadores, em 1935. Obra da plena maturidade de Lutosławski, o Concerto para Violoncelo e Orquestra foi composto no seguimento do repeto lançado pelo violoncelista Mstislav Rostropovitch, em 1967. Levaria algum tempo até Lutosławski iniciar o trabalho, estimulado pela necessidade de corresponder à encomenda de uma nova obra, entretanto surgida, por parte da Royal Philharmonic Society, em articulação com a Fundação Calouste Gulbenkian. A estreia sobreveio em Londres, a 14 de outubro de 1970, no âmbito do Royal Festival Hall, com Rostropovitch (a quem a obra foi dedicada) e a Sinfónica de Bournemouth, sob a direção de Edward Downes.

Muito elogiado pela sua riqueza idiomática, o Concerto para Violoncelo e Orquestra tornou-se uma das páginas mais célebres de Lutosławski. O primeiro andamento inicia-se com o violoncelo solo, entoando uma longa e misteriosa melopeia sobre a nota Ré. A escrita adensa-se, mercê de *staccatos*, cromatismos e células rítmicas repetidas que tendem a ganhar velocidade. A parte solista é bruscamente interrompida pelo clamor dos trompetes, qual evocação dos toques militares no passado arcaico do império greco-romano. O violoncelo protagoniza depois uma sucessão de quatro breves interlúdios sonoros, ao longo dos quais estabelece diálogo com os diferentes naipes da orquestra. Na *Cantilena*, Lutosławski junta o instrumento solista à secção de cordas para elaborar um quadro de grande enlevo expressivo, como se de uma “escultura feita de materiais fluidos” se tratasse, segundo a ideia do próprio músico. O andamento ganha vivacidade e os metais regressam à textura, enquanto que o solista se retira, permanecendo apenas a teia orquestral. Após uma cadência abrupta, o violoncelo reaparece, tecendo rasgos de uma agressividade que parece responder ao ímpeto da orquestra. O *Finale* traz consigo prantos prolongados do violoncelo, com escalas, glissandos e outros recursos expressivos. Uma breve coda encerra o Concerto, deixando ao violoncelo as derradeiras declamações, do registo grave para o registo agudo, terminando na repetição obsessiva de uma mesma nota (Lá), à imagem dos compassos iniciais.

Antonín Dvořák

(Nelahozeves, 1841 – Praga, 1904)

Sinfonia n.º 9, em Mi menor, op. 95, “Do Novo Mundo”

—

COMPOSIÇÃO 1893

ESTREIA Nova Iorque, 16 de dezembro de 1893

DURAÇÃO c. 43 min.

Derradeiro marco do legado sinfónico do compositor checo Antonín Dvořák, a Sinfonia n.º 9, em Mi menor, foi composta entre os meses de janeiro e maio de 1893, num período em que Dvořák se encontrava ao serviço do Conservatório Nacional de Música de Nova Iorque, instituição que dirigiu até 1895, nela exercendo, em paralelo, a docência da composição. A estreia sobreveio a 16 de dezembro do mesmo ano, no famoso Carnegie Hall, com a Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direção do maestro húngaro Anton Seidl. Com a composição desta monumental sinfonia, Dvořák deu continuidade aos princípios orientadores do nacionalismo musical que já implementara anteriormente, aplicando-os ao contexto da cultura norte-americana. Deste modo, reforçou o interesse no vasto património da música tradicional americana, vindo a inspirar outros criadores, entre os quais Arthur Farwell, Henry Cowell e Henry F. Gilbert. Após os compassos introdutórios, o primeiro andamento, *Adagio – Allegro molto*, faz surgir o tema cíclico da Sinfonia, constituído por uma frase harpejada pela trompa, logo seguida de uma resposta ritmada dos clarinetes e oboés. Desempenhando um papel unificador, este tema tornar-se-á objeto de novas

apresentações, com maior ou menor grau de elaboração, no curso dos restantes andamentos.

O segundo andamento, *Largo*, tem por inspiração um texto do poeta americano Henry Longfellow, *O Canto de Hiawatha* (1855), protagonizado por índios norte-americanos num cenário campestre. Após um majestoso “coral” de metais, tem início a nostálgica melodia do corne inglês, tornada enormemente popular nos Estados Unidos e no resto do mundo, até aos dias de hoje. Ao longo do andamento, a orquestração adensa-se gradualmente e dá lugar ao reaparecimento do tema cíclico, nos metais. O terceiro andamento, *Scherzo: Molto vivace*, de carácter dançante, reveste-se de uma estrutura formal singular: dois temas distintos na primeira secção, o segundo dos quais é introduzido pela flauta na tonalidade de Mi maior, *Poco sostenuto*. O tema cíclico, exposto pela trompa, serve de transição à secção central do *Scherzo*, inspirada numa dança popular de origem europeia. Após a repetição da secção inicial do *Scherzo*, reaparece o tema cíclico, já integrado na coda final. O impetuoso *Allegro con fuoco* promove a síntese de melodias europeias e americanas, no seio de uma textura com grande elaboração sinfónica, a qual cativa ouvintes e intérpretes do princípio ao fim. Variados componentes temáticos asseguram a diversidade do discurso orquestral, reservando-se para a secção final o derradeiro enunciado do tema cíclico, na trompa, antes do unísono grandioso das cordas, reforçado ainda pelo *tutti* orquestral, a encerrar o andamento com uma nota de júbilo, em modo maior.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia. Na temporada 2023/24, foi anunciada uma futura parceria artística com a Sinfónica de Lahti, com início no outono de 2025. A temporada 2024/25 inclui a estreia no Festival de Bergenz, bem como regressos à Sinfónica de Chicago, à Sinfónica da BBC, à Sinfónica da Rádio Finlandesa, à Filarmónica de Londres, à Sinfónica de St. Louis e à Sinfónica do Oregon. Nos últimos anos dirigiu, entre outras orquestras, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Sinfónica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica de Montreal, e solistas como Gil Shaham, Kirill Gerstein, Daniil Trifonov ou Sergei Babayan. Dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Nicolas Altstaedt

A versatilidade artística é uma das grandes qualidades do violoncelista franco-alemão Nicolas Altstaedt. Como solista, maestro e diretor artístico, interpreta um vasto repertório, da música antiga até à contemporânea, em instrumentos de época e modernos. A temporada 2024/25 inclui estreias com a Orquestra do Royal Concertgebouw de Amesterdão, a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen e a Sinfónica da Rádio Sueca. Estreia-se também no Grand Teton Music Festival, com o maestro Donald Runnicles. Para além das apresentações regulares com grandes orquestras mundiais, colabora com orquestras de época como Il Giardino Armonico e o maestro Giovanni Antonini, B'Rock e René Jacobs, Orchestre des Champs-Élysées e Phillippe Herreweghe, e Arcangelo, com Jonathan Cohen. Como maestro, criou fortes laços artísticos com a Filarmónica da Radio France, a Orquestra de Câmara de Munique, a Tapiola Sinfonietta, a Orquestra de Câmara Escocesa e Les Violons du Roy. As colaborações com compositores como Adès, Widmann, Larcher, Say e Gubaidulina ajudaram a consolidar a reputação de Altstaedt como um grande intérprete de música contemporânea. Novos concertos de Liza Lim e Malika Kishino, bem como uma nova obra para violoncelo e coro de Raquel Harcía-Tomás, são estreadas na presente temporada. Em 2012, Nicolas Altstaedt sucedeu a Gidon Kremer como Diretor Artístico do Festival de Música de Câmara de Lockenhaus. Entre 2014 e 2021, sucedeu a Ádám Fischer como Diretor Artístico da Haydn Philharmonie, no Palácio de Eszterháza. Como músico de câmara, partilha regularmente o palco com artistas como Janine Jansen, Vilde Frang, Pekka Kuusisto, Lawrence Power, Antoine Tamestit, Alexander Lonquich, Mao Fujita, Maxim Emelyanychev, Fazil Say, Jean Rondeau, Thomas Dunford e os Quartetos Ébène e Belcea.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Erik Eide CONCERTINO*

Francisco Lima Santos

1º CONCERTINO AUXILIAR

Bin Chao

2º CONCERTINO AUXILIAR

Alessandro di Marco

2º CONCERTINO AUXILIAR

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Matilde Araújo

Catarina Ferreira

Rui Cristão

Nelson Nogueira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA

Zachary Spontak 1º SOLISTA

Piotr Rachwał 2º SOLISTA

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Margarida Queirós

Camille Bughin

Francisca Fins

Miguel Simões

Asilkan Pargana

Catarina Resende

Luciana Cruz*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Micaela Miranda

Raquel Noemi

Márcia Marques

Sara Farinha

Bárbara Ferreira

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Emeraude Bellier 1º SOLISTA
Martin Henneken 1º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Hugo Paiva
Maria Leonor Moniz*
Hugo Estaca*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Marine Triolet 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Luís Ferreira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
Samuel Marques 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Daniel Canas 1º SOLISTA*
Rodrigo Carreira 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Davide Lopes 2º SOLISTA*
Paulo Carmo 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO
Paulo Alves 2º SOLISTA*

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA
Elmano Pereira 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Marco Fernandes 2º SOLISTA*
Cristiano Rios 2º SOLISTA*
Tomás Rosa 2º SOLISTA*

PIANO

Karina Aksenova 1º SOLISTA*

CELESTA

Inês Mesquita 1º SOLISTA*

HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

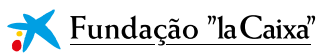
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

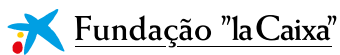
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

